

A RELEVÂNCIA DA CRIAÇÃO DOS ESPAÇOS SOCIAIS PARA REVELAR A DICOTOMIA SOCIAL NO ROMANCE *O MOLEQUE RICARDO* DE JOSÉ LINS DO REGO ¹

Viviane Chagas de Lima²

RESUMO: O presente ensaio tem por objetivo apresentar uma análise da criação dos espaços sociais no romance *O moleque Ricardo*, obra de José Lins do Rego, situada num momento histórico na cidade de Recife, precisamente, no início dos anos de 1920. A personagem migra dos canaviais, paisagens típicas do interior do nordeste brasileiro, para a cidade grande do Recife. A jornada nos apresenta o delineamento do espaço e os conflitos urbanos com seus tipos sociais subalternizados e a tumultuada convivência das classes sociais expostas aos jogos de interesses dos grupos dominantes e da polarização política. Como aporte teórico para abordar a temática, recorreremos às lições do ensaísta Osman Lins, com *Lima Barreto e o espaço Romanesco* (1976), como também as lições de Santos e Oliveira com o *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis* (2011) e Bourneul e Oullet, com *O Universo do Romance* (1976). Estes pensadores auxiliam, sobretudo, a compreender a complexidade dos desdobramentos da categoria espaço na literatura literária.

PALAVRAS-CHAVE: José Lins do Rego, **espaço romanesco**, cidade e história.

RESUMEN: El presente ensayo tiene como objetivo presentar un análisis de la creación de espacios sociales en la novela *O moleque Ricardo*, obra de José Lins do Rego, ubicada en un momento histórico en la ciudad de Recife precisamente a principios de la década de 1920. El recorrido nos introduce en la delimitación del espacio y los conflictos urbanos con sus tipos sociales subalternizados y la convivencia tumultuosa de clases sociales expuestas a los juegos de intereses de los grupos dominantes y la polarización política. El tema utilizó las lecciones del ensayista Osman Lins, con Lima Barreto y el espacio Romanesco (1976), así como las lecciones de Santos y Oliveira, con Sujeto, Ficcional Tiempo and Espacio (2011) y Bourneul y Oullet, con *O Universo do Romance* (1976). Estos pensadores ayudan, sobre todo, a comprender la complejidad del despliegue de la categoría espacial en la literatura.

PALABRAS CLAVE: José Lins do Rego, espacio romance, ciudad historia

¹ Trabalho apresentado ao final da disciplina Trabalho de Conclusão de Curso, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licencianda em Letras Português-Espanhol, pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), sob orientação do Professora Adjunta da UFRPE: Patrícia Silva. Julho/2021.

² Graduanda em Licenciatura em Letras Português-Espanhol pela UFRPE. E-mail: vivi.lchagas@gmail.com.

1 Introdução

O moleque Ricardo (2011), de José Lins do Rego, é um romance que compõe o ciclo da cana-de-açúcar e foi publicado em 1935. Um ano depois, o romance *Usina*, que finaliza o ciclo, é publicado.

O romance *O moleque Ricardo* narra a trajetória do filho de Mãe Avelina, escrava da casa-grande, que cresceu brincando com Carlinhos, neto do senhor de engenho. Quando se torna adolescente, Ricardo deixa o engenho Santa Rosa e parte em busca de novas perspectivas na cidade do Recife. Longe da fazenda, aprende o que é ser empregado na casa de Dona Margarida. Lá, pela primeira vez, compreende que partira, não apenas em busca de melhores condições. Entende que não se tratava apenas de “salário”, mas de algo mais. Algo que até então era totalmente desconhecido para Ricardo, porém, agora, já era possível nomear esse algo. Esse algo é a liberdade que ele experiencia em sua nova vida.

Ricardo conhece uma infinidade de pessoas dos mais variados tipos: o casal de portugueses – senhor Alexandre e Dona Isabel, donos da padaria que posteriormente ele iria se empregar-, estudantes, líderes políticos, operários e suas famílias. Ricardo se relaciona profundamente com os membros dos núcleos dos mocambos, como Odette e Seu Lucas, que são personagens com as quais o autor retrata a realidade social dos indivíduos negros na cidade, tecendo a miséria humana, os sonhos, os desejos de liberdade e a busca por melhores condições de vida.

Desta maneira, o romance discorre sobre as formas como se estruturou e se construiu a sociedade brasileira, mostra-nos a exclusão social e espacial que sofreram os negros após abolição da escravatura, o preconceito de classe e de cor, o sofrimento do subalterno, e o cangaço e o exército como meio de ascensão social.

Em resumo, Lins do Rego nos apresenta uma sociedade fragmentada permeada por conflitos e contrastes de desigualdades raciais e sociais, aborda com extrema sensibilidade o universo dos indivíduos subalternizados, que embora não mais escravos continuam submetidos à servidão e a uma situação análoga à escravidão em seus novos lócus sociais

O romancista nos convida a refletir sobre os espaços sociais engenho e cidade, suas peculiaridades e seus contrastes, levando-nos às inferências sobre o trânsito do negro após a decadência da escravidão.

A intenção deste ensaio é, através das construções discursivas presentes no romance *O moleque Ricardo*, refletir, por meio da categoria narrativa do espaço, sobre a dicotomia social, tendo como referencial as relações dos empregadores e empregados. Buscamos privilegiar os espaços sociais, tais como os mocambos, as casas dos empregadores e os costumes como prática pertencente a grupos específicos, em determinada época.

2 Perfil de José Lins do Rego

José Lins do Rego Cavalcante nasceu na cidade de Pilar, no estado da Paraíba, em 1901. Perdeu a mãe, Amélia, já no ano de seu nascimento. Seu pai

foi viver longe, em outro engenho, e o deixou aos cuidados dos avós maternos e da sua tia Maria. No livro de memórias *Meus verdes anos*, Lins do Rego alega que fora sua mãe, antes de morrer, que pedira que ele não fosse criado com o pai.

Assim, ele foi criado no engenho Corredor que pertencia ao seu avô, e foi esse cenário de cunho patriarcal à imagem do avô que marcou parte de sua personalidade. O “menino de engenho” era fascinado pelas conversas das criadas, sobretudo, pelas histórias da velha Totônia, narrativas em versos originários do cancionista ibérico. Ele seria testemunho da decadência do engenho de açúcar, que num processo de transformação da estrutura social e econômica do Nordeste, seria substituído pela usina.

A morte da tia Maria o levou ao Internato Nossa Senhora do Carmo, de Itabaiana, na Paraíba. A perda representou uma segunda orfandade para ele.

Lins do Rego ingressou na Faculdade de Direito de Recife em 1920 e mesmo antes, em 1919, já colaborava com a imprensa (Diário do Estado da Paraíba). Como estudante de direito, trabalhou para vários jornais, chegando a fundar o jornal Dom Casmurro com seu amigo Osório Borba. Ainda no período da faculdade, conhece Gilberto Freyre, que passou a ser uma referência para ele tanto na literatura quanto na política. Formou-se em 1923 e a sequência lógica para um Neto de Senhor de engenho, que seria administrar e dar continuidade aos negócios da família, é contrariada por José Lins do Rego, tal como o fez a personagem Carlos Melo, protagonista da obra *Menino de Engenho*, que inicia o ciclo de romances que contam o ciclo da cana de açúcar.

Casa-se, em 1924, com Filomena Massa e com ela tem três filhas. Em 1926, troca Recife pela cidade de Manhuaçu, que fica em Minas Gerais, para desempenhar as atividades de promotor público, porém, a experiência não lhe agradou muito e, desiludido com a magistratura, troca de cidade mais uma vez. Assim, segue com a família para Maceió onde irá trabalhar como fiscal de bancos. Nesse período, começa colaborar com o Jornal de Alagoas e com isso passa a fazer parte do grupo de Graciliano Ramos, Raquel de Queirós, Aurélio Buarque de Holanda e Valdemar Cavalcanti.

José Lins do Rego passou a ser uma influência de bastante referência para a época, tanto no campo intelectual quanto no campo da política. E, mesmo distante de Recife, manteve contatos estreitos com Gilberto Freyre e Olívio Montenegro.

Foi partidário do Movimento Regionalista do Nordeste, lançado em 1926, na cidade do Recife, durante o primeiro Congresso Brasileiro de Regionalismo, e que continha na pauta “trabalhar em prol dos interesses da região nos seus aspectos diversos: sociais, econômicos e culturais” (TORRES FILHOS, P.26). Os que defendiam o manifesto acreditavam na ideia de que somente as raízes das tradições regionais seriam capazes de sustentar a cultura do país. Nesse sentido, o Centro Regionalista buscou fomentar um sentimento de unidade da região para fazer frente ao impacto das inovações que chegavam com os ares do modernismo.

O livro *Menino de engenho* foi um divisor de águas na vida do escritor, publicado com esforços próprios, ou seja, pago pelo próprio bolso para produzir uma pequena edição. O retorno do investimento foi o Prêmio de Romances da

Fundação Graça Aranha, e com o sucesso do primeiro livro ele troca de cidade mais uma vez. Segue para Rio de Janeiro para começar uma nova história. Agora, seus livros eram publicados à medida que eram escritos.

Ao todo foram doze romances: *Menino de engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Banguê* (1934), *O moleque Ricardo* (1935), *Usina* (1936), *Pureza* (1937), *Pedra Bonita* (1938), *Riacho doce* (1939), *Água-mãe* (1941), *Fogo Morto* (1943), *Eurídice* (1947) e *Cangaceiros* (1953).

2.1. Principais temas

Os primeiros livros (*Menino de engenho*, *Doidinho*, *Banguê*, *O moleque Ricardo* e *Usina*) compõem o “ciclo da cana-de-açúcar”. Estas obras possuem como pano de fundo o cenário regional nordestino, período histórico em que a produção da cana-de-açúcar nos engenhos segue aquecida, no auge de sua produção, até chegar ao declínio com a modernidade das usinas. O que levou à falência vários engenhos que não conseguiram se modernizar.

A região canavieira da Paraíba e de Pernambuco, em período de transição do engenho para usina, encontrou no “ciclo cana-de-açúcar” de José Lins do Rego a sua mais alta expressão literária.

Lins do Rego, desde cedo, era inclinado a reflexões sobre a vida e sobre as contradições que observava na forma de organização do engenho e da sociedade, não por acaso, esses cenários compõem o enredo do primeiro romance, sendo considerado, por isso, uma obra de cunho memorial. A gênese do ciclo inicial da sua obra, e que compõe o “ciclo da cana-de-açúcar”, é permeada por essa memória e, embora o romance *O moleque Ricardo* e *Usina* também, em certa medida, apresentem relação com esse momento histórico, não são considerados parte do ciclo.

Embora os temas dos romances orbitem, predominantemente, no espaço do Engenho Santa Rosa e percorram o caminho da sociedade açucareira até seu declínio, também encontramos romances com a temática do meio regional com observações sobre o misticismo e sobre o cangaço, elementos presentes nas obras *Pedra Bonita* e *Cangaceiro*. Já nas obras *Riacho doce*, *Água mãe* e *Eurídice* o cenário muda para o litoral nordestino.

As obras de José Lins do Rego possuem sua relevância na renovação literária da década de 1930, marcada pelo experimentalismo estético nos romances regionalistas. No campo linguístico inovou com inserção da oralidade, especificamente, a nordestina. Além disso, apresentou espaços que denotam as transformações sociais ocorridas no contexto histórico do século XX.

3. A complexidade do espaço romanesco na obra literária

A leitura de um texto literário possibilita a descoberta de um mundo novo. Para tornar esse mundo crível para o leitor é de fundamental importância que a narrativa tenha bem estruturada o elemento espaço.

Em um romance as percepções do espaço, comumente, se aproximam da ideia de um cenário. Ademais, quando pensamos em espaço logo nos vem à mente a imagem do lugar, dos móveis e, conseqüentemente, da paisagem. Essa percepção de espaço pertence à dramaturgia clássica. Desta forma, se mantivermos esse pensamento, identificar o espaço é, aparentemente, uma tarefa fácil. No momento que tomarmos por espaço apenas a descrição física de um ambiente externo ou interno e a descrição estática do que vemos ou a descrição geográfica de um determinado lugar, a priori, essa identificação não ofereceria nenhuma dificuldade. Acontece que, para nós, o espaço no romance apresenta camadas mais profundas. Coadunamos com o postulado por Bourneuf e Ouellet “Longe de ser indiferente, o espaço num romance exprime-se, pois, em formas e reveste sentidos múltiplos até constituir, por vezes, a razão de ser de uma obra”.

Contemporaneamente, a descrição do espaço no romance envolve a observação das várias camadas, ou melhor, dos vários elementos presentes na trama narrativa. A complexidade dessa observação se faz presente devido à plasticidade vasta e intrigante que o espaço opera, posto que, a literatura tece, por meio dos elementos da narrativa, a relação do homem com o mundo em suas mais diversas formas de configuração. E é precisamente o espaço que opera essa tessitura. Vejamos o que diz Bourneuf e Ouellet:

O romance desenrola-se sobre dois planos espaciais, que correspondem a dois planos psicológicos, a (realidade) dum recanto de província e o (sonho) de países longínquos. O drama de Emma vem de que ela não pode viver simultaneamente nesses dois planos, resolvendo-se a sua coexistência num conflito de que não poderá sair senão pela morte. Num romance de uma perfeita coerência como Madame Bovary, o espaço é organizado com o mesmo rigor que os outros elementos, age sobre eles, reforça-lhes o efeito e, no fim de contas, exprime as intenções do autor.

Percebemos, pelo exposto acima, a importância estruturante do espaço que participa operando as múltiplas camadas de construção da trama, ora conduzindo, ora revelando as intenções refratadas³ do autor.

A partir das leituras de Bourneuf e Ouellet, depreendemos que a necessidade de estabelecer uma correspondência entre história e o meio ambiente, assim como, os efeitos que são possíveis inferir dessa correspondência foram, desde há muito, reconhecidos pelos romancistas enquanto noção de descrição. Porém, ao longo das produções, precisamente entre o século XVIII e XIX, a percepção do espaço romanesco foi complexificando e passou a representar bem mais que um simples pano de fundo. Nos romances do século XVIII, o espaço desempenhava apenas a função descritiva dos lugares reduzido, assim, a simples localização. Nos romances do século XIX, os escritores já utilizam a descrição do espaço para revelar as personagens pelo meio ambiente como um processo de caracterização, ou seja, como forma de agregar a sua obra a verossimilhança.

³ BAKHTIN.M. Questões de Literatura e de estética - A teoria do Romance, p.119

Sabemos que o verossímil guarda vários sentidos, contudo, fiquemos com o sentido postulado por Todorov⁴: “verossímil é a máscara com que se disfarçam as leis do texto, e que deveríamos entender como uma relação com a realidade”.

E por falar em realidade, não podemos nos esquecer de que o espaço romanesco se encontra no campo da ficcionalidade, muito embora, saibamos que todo texto guarda sua historicidade. Começamos por distinguir “a separação da ideia de ficção da ideia de mentira que define a especificidade do regime representativo das artes”⁵. É factível perceber a historicidade do texto *O Moleque Ricardo* no recorte abaixo:

“...naquela noite com vontade de ver o coronel. Vontade somente. No final de contas ele não tinha raiva do velho. Gritava demais, mas desde que nascera que os gritos do velho, as ordens, os chamados eram daquele jeito. Gritava por tudo. Ricardo insurgia. (...) Nascera para ser menor que os outros. Em pequeno vivia pela sala com os senhores lhe ensinando a fazer graça para dizer. Os Meninos brancos brincavam com ele. Mas tarde viu que não valia nada mesmo. Só para o serviço, para lavar cavalos, rodar moinho de café, tirar leite. O negro era mesmo bicho de serventia.” (Rego,2011. p.50)

Percebemos os costumes sociais e culturais ligados ao período da cana-de-açúcar. Nesse período, os negros libertos trabalhavam nas fazendas apenas pela moradia e pela comida, ou seja, não recebiam salários. Observamos também os afazeres domésticos típicos do meio rural: tirar leite e rodar moinho de café. Ademais, percebermos que Ricardo sente a desigualdade, a inferioridade, e se interroga sobre a condição de vida que levava no engenho, refletindo sobre a exploração de sua mão de obra pelo senhor de engenho. Vemos, assim, espaço e personagem imbricados em harmonia para contar essa história. Nas palavras de Bourneuf e Ouellet:

“Uma descrição do espaço revela, pois, o grau de atenção que o romancista concede ao mundo e a qualidade dessa atenção; o olhar pode parar no objeto descrito ou ir mais além. Ela exprime a relação, tão fundamental no romance, do homem, autor ou personagem, com o mundo ambiente: ele foge deste e substitui-o por outro, ou mergulha nele para o explorar, o compreender, o transformar, ou se conhecer a si mesmo.” (Bourneuf e Ouellet,1976. p.163)

Queremos com o exemplo apresentado demonstrar que, por um lado, estamos diante de uma obra de ficção e que, por outro, estamos diante de acontecimentos narrados pela personagem que nos leva a identificar sintomas de uma época a “sintomatologia da sociedade”⁶. E é assim, aos poucos, que o romancista, por meio da criação do espaço, vai, paulatinamente, construindo e desvelando a relação: das pessoas com cidade, do moderno com os velhos

⁴ TODOROV, T. Poética da prosa, p.113

⁵ RANCIÈRE. J. A partilha do sensível, p. 53.

⁶ In.;_____ J. A partilha do sensível, p. 49.

costumes e do engenho Santa Rosa com Ricardo. Também é possível notar a categoria espaço utilizada para descrever e traduzir a psicologia do protagonista por meio de sua visão subjetiva do mundo. Nas palavras de Lins⁷: “Mas também o espaço proporciona grandes possibilidades de estudo, variadas e atraentes”.

Com isso, podemos inferir que o espaço irá posicionar a personagem relativamente a outros elementos do texto. Essa relação será composta por camadas que irão compor as várias nuances do espaço. O espaço social, por vezes denotado pela relação das personagens com os outros personagens do romance, representaria uma dessas camadas; o espaço geográfico representaria uma outra, e assim, as várias camadas seguem sobrepondo-se e tecendo a relação do espaço com a personagem, com o enredo e com o tempo daquela história.

Contudo, a interpretação de espaço nem sempre foi assim. Segundo Santos e Oliveira, os romances tradicionais do século XIX e XX, o espaço era pensando como algo estanque, ligado apenas ao território e não aos desdobramentos das vivências.

Vejamos nas palavras dos mestres,

“Nessa perspectiva, ou se abordava o espaço narrativo enquanto lugar de representações míticas- espécie de cenário difuso e desfocado, sintonizado em um eterno presente-, ou no extremo oposto, pretendia-se focalizar o espaço enquanto região delimitada, com suas características singulares. Bom exemplo dessa segunda tendência é o chamado “romance de 30” brasileiro, e que se objetiva efetuar denúncia das condições de vida do meio rural, privilegiando-se, para isso, a descrição da ambientação física. Predominam, sob essa ótica, as formas e reprodução- mais do que a vivência pessoa e subjetiva- do espaço”. (Santos e Oliveira, 2001. p.79).

Essa forma de pensar o espaço reduz a potencialidade de exploração e o estigmatiza, além de “levar a uma visão determinista do espaço”⁹. O espaço, quando explorado para além dessa perspectiva (espaço físico, paisagens, móveis), torna possível sobrepor camadas e compor não só o espaço social conforme comentamos, mas também o espaço psicológico. Salientamos que o espaço social “tanto pode ser uma época de opressão como grau de civilização de uma determinada área geográfica”¹⁰ ou um conjunto de hábitos e estilo de vida pertinentes a um determinado grupo social, bem como, “a categoria de edificações existentes no local em que vive ou se move a personagem”. Já a camada psíquica, aquela que irá compor o espaço psicológico, por vezes, é percebida por meio da relação tecida pela atmosfera. “Estando a atmosfera associada ao espaço e denotando, inclusive, o ar que respiramos, tende-se a concebê-la, no estudo da ficção, como uma manifestação do espaço, ou, no

⁷ LINS, O. Lima Barreto e o Espaço Romanesco, p.65.

⁸ In: _____ Lima Barreto e o Espaço Romanesco, p.74.

⁹ SANTOS E OLIVEIRA, O sujeito, tempo e espaço ficcionais, p.79

¹⁰ In: _____ Lima Barreto e o Espaço Romanesco, p.75

mínimo como sua decorrência.”¹¹ Assim, o “cenário” de uma mente perturbada ou a reflexão das vivências da personagem podem produzir sentidos de euforia, violência, angústia e exaltação. Afinal, “o espaço compreendido pela imaginação não pode ficar sendo o espaço indiferente abandonado à medida e reflexão do geômetra”¹².

Discutimos essas duas camadas, ou melhor, essas duas perspectivas do espaço sem a pretensão de esgotar o assunto ou mesmo reduzir a análise do espaço narrativo a esses condicionantes. Perfilamos do postulado por Santos e Oliveira que nos aconselham a relativizar para não cair no reducionismo do espaço narrativo e deixar o pensamento hermético com essas duas perspectivas, sem considerar que os modos diversos de representação do espaço são dados que devemos olhar com atenção.

E é com a devida atenção que apontamos as percepções de espaço compreendidas na passagem abaixo:

“Tinha medo de se ver sozinho no meio do povo. Ficava sozinho no seu canto, no bonde, ouvindo a gritaria da cabroeira. Verdureiros com cestos entulhados brigando com o condutor pelo preço do frete, uma balbúrdia infernal todos os dias. (...) e iam assim até que desciam daquele bagageiro para passearem de charuto nos dentes em seu automóvel” (Rego,2011. p.54)

A princípio, a sensação é de medo, percebemos o espaço psicológico tecido pela atmosfera tensa criada na mente em conflito. A diversidade de pessoas e os ruídos da cidade grande o amedrontavam e, assim, Ricardo viveu os primeiros anos em Recife como se ainda estivesse no engenho.

Retomando a complexidade do estudo do espaço romanesco, fazemos uso da pergunta retórica construída didaticamente por Lins: “onde acaba a personagem e começa o seu espaço?”¹³. Depreendemos que a resposta à provocação apresenta, em certa medida, a intenção de demonstrar a dificuldade de isolar os elementos da estrutura narrativa, justamente, porque não se pode separar os elementos de uma narrativa quando, necessariamente, estão amalgamados. Onde um é o espelhamento do outro e, ainda, não só o espaço e personagem estão amalgamados, o elemento tempo também participa dessa fusão. Essa reflexão sobre a relação entre tempo e espaço representados no texto foi pensada por Bakhtin. Ele desenvolveu o conceito de “cronotopo”, formado pelas palavras gregas “cronos”, que é igual a tempo, e “tópos”, que significa lugar. Esse “termo foi elaborado por Bakhtin para estudar como as categorias de tempo e espaço estão representados nos textos literários”. O “cronotopo” brota de uma cosmovisão e determina a imagem do homem na literatura¹⁴. De maneira simplista seria a representação do tempo que se une à representação do espaço retratado no texto como uma metáfora que se faz real na representação do mundo da sociedade daquele tempo. Conseqüentemente, o estudo realizado demonstra

¹¹ In: _____ Lima Barreto e o Espaço Romanesco, p.75.

¹² BACHELARD. G. A poética do Espaço, p.196.

¹³ In: _____ Lima Barreto e o Espaço Romanesco, p.69.

¹⁴ FIORIN.J. Introdução ao pensamento de Bakhtin

a interligação fundamental entre as relações espaciais e temporais representadas nos textos. Por conseguinte, percebemos que a dificuldade de separar os elementos reside no fato de que “a narrativa é um objeto compacto e inextrincável”¹⁵. É justamente esse amalgamado, esse emaranhado entre espaço-tempo-personagem, que faz do espaço a categoria responsável por conduzir os movimentos da narrativa com toda sua carga de historicidade.

Podemos, por exemplo, perceber as formas de representação dos hábitos e costumes sociais de uma dada época, por vezes, revelando os traços que identificam a classe à qual a personagem pertence e traços psicológicos, com seus conflitos morais pertencentes a um determinado contexto histórico.

O espaço romanesco, certamente, guarda outras possibilidades, outras perspectivas de exploração, as quais não foram apontadas aqui neste estudo, por limitação e, em certa medida, por escassez de produção. Embora tenhamos pesquisas robustas, como, por exemplo, a obra do professor e romancista Osman Lins -que não, porventura, norteia nossos estudos- e algumas outras citadas ao longo desse trabalho, sentimos que o espaço e seus múltiplos recursos ainda carecem de estudos sistemáticos por parte de nossos críticos. Reforçamos a crítica feita por Dimas¹⁶: “... É fácil perceber que alguns aspectos ganharam preferência sobre outros e que o estudo do espaço ainda não encontrou a receptividade sistemática”.

Seguiremos ressaltando o espaço em toda sua complexidade para projetar a dicotomia social narrada pela personagem na obra *O moleque Ricardo*.

3.1 Análise

Ricardo deixava o Engenho Santa Rosa na busca de uma vida melhor. Acreditava que, em Recife, teria conforto e que seria “alguém”. Abandonara a paisagem de canavial em uma viagem de trem. A locomotiva representava a modernidade que ligava o Engenho e seus velhos costumes ao Recife, cidade promissora em vias de industrialização. A cidade grande estaria figurando, além do moderno, também as novas oportunidades. Recife seria o destino certo para um futuro melhor, assim pensara Ricardo.

Seguiremos com a análise, e para tanto, se faz importante pontuar que consideramos espaço no romance tudo aquilo que está intencionalmente disposto para compor a personagem, desde objetos, reflexões a partir de um fluxo de pensamento e, até mesmo, os ruídos, “a estereofonia da linguagem para compor o espaço cultural”¹⁷ e a sua individualidade. Agregamos esse pensamento ao postulado por Osman Lins, que inclui as figuras humanas, quando coisificadas, na composição do espaço.

Nesse momento, escreve Lins, deve-se ter presente no estudo do espaço que seu horizonte, no texto, quase nunca se reduz ao denotado.

O fragmento abaixo revela-nos um pouco mais sobre esse espaço.

¹⁵ In: _____ Lima Barreto e o Espaço Romanesco, p.63.

¹⁶ DIMAS. A. Romance e Espaço, p.6.

¹⁷ BARTHES, R. O prazer do texto, p.64

“O trem puxava, as estações se sucediam. Ricardo notava que a gente que entrava pelo vagão já era diferente, gente mais despachada, ganhadores pedindo frete, moleques vendendo jornal. O Recife estava próximo. A cidade se aproximava dele. Teve medo. Falavam no engenho do Recife como de uma Babel. “tem mais de duas léguas de ruas”. “Você numa semana não corre”. E bondes elétricos, sobrados de não sei quantos andares. E gente na rua que só formiga. O dia todo é como se fosse de festa. (...) viu um bonde amarelo. Era o primeiro que se apresentava aos seus olhos. Não era tão grande como diziam. ENCRUZILHADA. Casa de gente pobre pela beira da linha, jaqueiras enormes, mulheres pelas portas das casas. E agora o Recife. Tudo aquilo já era o Recife que se estendia as suas pernas, que crescia, e que era o mundo” (Rego,2011. p.45).

Por meios dos olhos de Ricardo, embarcamos na sinestesia da viagem num misto de encantamento e medo. Medo dos sons, do barulho do trem, das vozes entrelaçadas em gritaria, das cores diversas de gente. O contraste com o engenho chegou a Ricardo quase que com violência, porém, aos poucos ele foi percebendo que não era bem como ele imaginava. Percebemos que não era como ele imaginava pelo detalhe do tamanho do bonde que não era tão grande como diziam. Vimos também as moradias: sobrados de muitos andares e casas de gente pobre pela beira da linha. Notamos a dicotomia social se instalando sorrateiramente. Percebemos, também, a transformação econômica, social e cultural decorrente do contexto histórico da industrialização vivida no século XX. Bondes elétricos, urbanização e toda essa mescla, toda essa massa confusa, tudo aquilo já era Recife apresentando as concepções de cidade moderna e suas idiossincrasias.

Outro trecho em que podemos perceber a relação dicotômica criada pelo espaço no romance é quando Ricardo sente inveja de Carlinhos:

“Andava pelo mato, espetando os pés atrás de gado. Em casa Mãe Avelina botava jucá e pronto. Não se falava mais nisto. E, no entanto, quando Carlinhos ralava o joelho na calçada, corria gente de todo canto da casa. Davam água fria ao menino por causa do susto e passavam pedaço de pano na ferida. Ricardo só podia sentir essas cousas. Ele tinha uma alma igual à dos outros. E sabia mesmo fazer tudo melhor. E apesar disso, quando o outro crescesse, seria dono, e ele um alugado como os que ia na enxada. Não tinha raiva de Carlinhos por isso, mas sentia inveja, vontade de ser como ele, de andar de carneiro e poder comprar gaiola de passarinho, de não ter obrigação nenhuma” (Rego,2011. p.50)

Temos a personagem e a situação posta, o ambiente rural, o desenrolar do cotidiano e a diferença de tratamento vivida por Ricardo, negro descendente de escravos, e Carlinhos, branco e futuro Senhor de engenho. O delineamento do espaço: Ricardo andava pelo mato atrás do gado, machucava-se devido ao trabalho, enquanto Carlinhos machucava-se decorrente da brincadeira. Agora, a reflexão de Ricardo quando pensara que tinha uma alma igual à dos outros, que sentia inveja por desejar tratamento igual ao de Carlinhos, cumpre a finalidade de

revelar a desigualdade social, a exploração de mão de obra infantil e consciência de pertencimento de classe.

Assim, percebemos que tudo converge em perfeita harmonia para apoiar a construção do espaço e compor o perfil social da personagem no romance.

Observemos os contrastes apresentados no fragmento abaixo:

“À noitinha o moleque se botou para a casa do amigo arriado. Ficava lá para as bandas da estrada de Olinda. Andou de bonde um pedaço (...) A maré vazia deixava ver ao luar os gravetos de mangues de fora. A lama espelhava como se não estivesse fedendo. O maruim em dia de lua nova era mais feroz. Ricardo ia andando por um caminho quase no meio do mangue. A casa do Florêncio ficava no fim da rua, rastejando-se no charco. O moleque encontrou o amigo na esteira, no chão úmido. A menina paralítica perto dele, dormindo, a mulher sentada no caixão de gás com o filho menor no colo. Os olhos de Florêncio e todos os olhos da casa brilhavam. A fome dava esse brilho esquisito”

Ao projetarmos a imagem fornecida pelo texto tecemos o espaço físico à casa no fim da rua rastejando no charco, à esteira no chão úmido, à mulher sentada no caixão de gás que denunciava a ausência de mobília. O espaço social será estabelecido pela miséria escancarada dos olhos de fome, também pelo tipo de moradia que ficava à beira do mangue, que são chamadas, contemporaneamente, de palafitas e, no passado, eram chamadas de mocambos. Conforme já mencionado, a categoria das edificações existentes no local onde vive ou se move, a personagem pode indicar o seu espaço social.

Em outra parte da narrativa percebemos o contexto histórico, outro exemplo do espaço social, quando nos é revelado que no engenho ainda esperavam por Ricardo:

“ __ A esta hora o que tará fazendo Ricardo?

Mas sabiam consolar:

__ Foi melhor, mulher, te agaranto que com pouco dá pra gente. Aqui nunca tirasse o pé da lama. Lá por riba, só pode melhorar de condição.

Na Casa grande também sentiram a ausência, mas de outro jeito:

__ Negro fiel. Podia se fazer mandado por ele sem susto. Fazia tudo depressa e com vontade.

Se fosse outro tempo, o capitão do mato daria conta da peça primeira, os jornais anunciavam as qualidades, os sinais de Ricardo, até que ele voltasse para os seus, para sua mãe e o dono. Ambos queriam bem, bem diferente. O coronel ainda gritou quando soube da escapula do moleque:

__ Negro fujão, pensa que lá por fora vai ter vida melhor.

__ Vai morre de forme.” (Rego,2011. p.42)

Essa passagem nos mostra como funcionava o processo durante o período de escravidão, quando um negro (peça do engenho) fugia. E, com certa ironia, revela que o Coronel, juntamente com a família de Ricardo, também sentiu a sua ausência, assim como, também lhe queria bem, só que de forma bem diferente. Percebemos ainda a crítica do pensamento predominante à época dos

senhores de engenho, que acreditavam que a vida dos negros “libertos” nas suas propriedades era boa.

Depois que deixou a sua primeira moradia na rua do arame, Ricardo foi trabalhar como entregador de pão, ou melhor, carregador de balaio na padaria do senhor Alexandre, um português muito avaro, mas que o deixou morar num quartinho nos fundos da padaria. O quarto só cabia mesmo uma rede e sua mala de flandres, porém, para Ricardo era suficiente, afinal era um espaço só seu, algo que nunca experimentara enquanto morador do engenho.

O romance é marcado por quadros de pobreza extrema e só pobreza, vejamos abaixo:

“O povo era outro. Na rua onde morava não havia casa grande. Todas as casas eram pequenas. E também o grito do coronel não se ouvi. A voz de mando era diferente. (...) Havia casas que pareciam de mentira, feitas de pedaços de caixão, de latas, e outras melhores, mais bem parecidas. Plantavam flores e verduras nos quintais. Uns tinham cadeira para se sentar, estampas de Nosso Senhor na sala, retrato de Padre Cícero. As mulheres conversam muito, falavam muito umas das outras (...)” (Rego, 2011. p.47)

“Para Ricardo aquela rua era diferente daquele onde nascera e se criara. A velha senzala do engenho era muda. Só aquele bater boca, de noitinha. A mãe Avelina, joana, Luísa e os moleques pelo terreiro, brincando. Também ali só faziam dormir e esperar os homens na cama dura. Agora a cousa era outra. A rua do Arame agachada, com as biqueiras encostando no chão, mulheres brigando com os maridos, fala outra língua mais áspera, mais forte. Ricardo gostava mais dela.” (Rego, 2011. p.49).

Nas duas passagens, percebemos a pobreza em dois recortes diferentes. Poderíamos dizer, usando um pouco de abstração, que seria a pobreza em recortes temporais, onde o engenho seria o passado sombrio e inerte, com sujeitos subjugados e resignados, e o futuro seria tão sofrido quanto o passado, com seus artifícios de ilusão oferecendo outros tipos de servidão aos Ricardos que lá chegam. O futuro nessa passagem é Recife, mas poderia ser a cidade de São Paulo ou qualquer outra grande cidade com suas ilusões e promessas de uma vida melhor para o subalternizado.

Percebemos que o intuito do escritor é, justamente, apresentar a leitura desses espaços como a leitura de dois “mundos” e suas mazelas sociais.

Neste recorte, um exemplo da pobreza extrema:

“Um dia de chuva na rua do Cisco era um horror. A lama entrea por dentro de casa. O mangue fedia mais. As casas gotejando pelas folhas de zinco furadas. O inverno ali era duro. Ainda com sol a miséria podia contar a sua história. O céu, à noite, cobria-se todo com as suas estrelas. A lua tinha um mangue para se derramar por cima dele. (...) Eles ali tinham uma lua. Era mesmo que barriga cheia. Mas quando o inverno batia, enfurnavam-se todos, iam se valer dos molambos dos sacos velhos. Chuva e vento frio eu chegavam a zunir no zinco enferrujado. Tempo infeliz para mocambo! Os tuberculosos tossiam mais e dava muito anjo. A água amolecia o fio da vida. Às vezes as

vertentes enxurradas se juntavam as marés altas. E tudo aquilo ficava parecendo um mangue só” (Rego,2011. p.222).

Nesse fragmento o espaço descrito em detalhes nos leva a projetar a imagem do flagelo e a quase sentir o odor da lama e o frio dos que lá vivem. O espaço do livro é definido por “um sistema topológico, articulado tanto no plano da sonoridade quanto do significado, que transpõe e organiza espaços reais da cidade, correlacionando-os à vida do pobre”¹⁸.

Por meio das reflexões do moleque Ricardo sobre os espaços figurativos dos topos urbanos (padaria, sindicato, clubes, cinema, jornal etc.) em contraste com o rural (casa grande, senzala, moinho de café etc.), vamos conhecendo os personagens tipo (aquele que representa um tipo padronizado, um personagem modelo que reúne um conjunto de características pré-fixadas e reconhecidas pelos leitores), como, por exemplo, o galego (proprietário de padaria), o balaieiro, o masseiro, o pai de santo, a dona de casa, o cangaceiro, o operário e o policial. Todos esses tipos humanos reunidos em camadas polarizadas (ricos e pobres, brancos e negros) para refletir sobre os conflitos sociais e as tensões políticas que permeavam a sociedade no princípio do século XX.

4. Considerações Finais

A Teoria da Literatura surgiu a partir do momento que o romance passou a ser visto para além de uma manifestação artística. Ademais, o exercício da escrita do autor para despertar no leitor emoções e produzir sensações de vivências se torna objeto de investigação de vários pesquisadores. A Teoria da Literatura é a ciência à qual compete estudar as manifestações literárias em todas as suas instâncias e é, precisamente, numa dessas instâncias que fixamos o olhar para trilhar o caminho do espaço no desenho argumentativo do romance de José Lins do Rêgo, que o faz relacionando os espaços na construção da dicotomia e da segregação social.

O enredo evidencia as transformações da sociedade com a chegada da modernização. O crescimento urbano não propicia oportunidades iguais para todos. A busca por uma vida melhor move a maioria dos migrantes que fogem da miséria e daqueles que, como Ricardo, vivem a vida em situação pouco definida, uma vez que vivem em situação análoga à escravidão, um sistema onde eles não são livres nem são escravos, são frutos de uma sociedade fragmentada permeada por categorias como brancos e negros. Esses são problemas sociais decorrentes de uma modernização conservadora da sociedade brasileira, que persistem, de certa forma, desde a abolição da escravidão e, em certa medida, até os dias atuais.

A história de Ricardo, moleque negro, que foge do trabalho semiescravo e se transforma em mão-de-obra barata na cidade do Recife, revela o olhar do autor para os problemas dos subalternizados. Lins do Rego construiu uma narrativa que exaltou os aspectos culturais e sociais ao mesmo tempo. Valorizou

¹⁸ CANDIDO. A. Degradação do Espaço, p.55

a herança da religião de matriz africana, o candomblé, quando criou a personagem Seu Lucas, dando a ele uma relevância importante na narrativa. A personagem é um Pai de Santo de extrema hombridade, de personalidade equilibrada, de bastante lucidez, muito solidário, que performa como um guia, uma espécie de orientador dos pobres em seu terreiro. Percebe-se, de certa maneira, que Lins do Rego problematiza as questões sociais ligadas às culturas africanas que são vistas de forma reducionista, preconceituosa e sem o devido respeito à cultura alheia.

Acreditamos que a literatura pode e deve ser analisada como veículo de mudança e representatividade social. Logo, estudar o espaço narrativo como vetor de comportamentos e reflexos de uma sociedade amplia a percepção dos costumes e práticas sociais de uma época, e nos possibilita construir o caminho daquilo que se pretende evitar e não mais replicar. Podemos, assim, buscar na argumentação literária o apoio e a expressão representativa daquilo que se quer fomentar em uma sociedade. Forjar por meio da reescrita, na intenção de fazê-la mais justa e representativa da história de seu povo.

Referências

BAKHTIN, M. **Formas de tempo e de cronotopo no romance** (ensaios de poética histórica. Questões de literatura e de estética. A teoria do romance. Tradução: A. F. Bernadini et al. 5 ed. São Paulo: Hucitec, 2002.

BARTHES, R. **O prazer do texto**. Trad J. Guinsburg. São Paulo: Editora perspectiva S.A., 1987.

BOSI, A. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 44ª ed. São Paulo: Cultrix, 2015.

BOURNEUL, Roland e OULLET, Rêal. **O Universo do Romance**. Trad. José Carlos Seabra Pereira. Coimbra, Almedina, 1976.

CANDIDO, Antônio. **O discurso e a Cidade**. São Paulo: Duas Cidades, 1998.

DIMAS, Antônio. **Espaço e Romance**. São Paulo: Editora Ática S/A, 1987.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2016.

LINS. O. **Lima Barreto e o Espaço Romanesco**. São Paulo, Ática, 1976.

RANCIÈRE. J. **A partilha do sensível**. Trad. Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org.:Ed. 34, 2005. 72p.

REGO.J. **O moleque Ricardo**. 28ª ed. Rio de Janeiro. Editora José Olympio LTDA, 2011

SANTOS, Luiz Alberto Brandão e OLIVEIRA, Silvana Pêsoa. **Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis**: Introdução a Teoria da Literatura. São Paulo Martins Fontes, 2001

TODOROV, T. **Poética da prosa**. Trad. Claudia Berliner. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.